



Francisco Resendes\*

## Na passagem do 154º aniversário

### Parabéns ao Diário dos Açores - jornal de referência dos Açores e ... das comunidades açorianas da América do Norte

Nos atuais tempos em que a comunicação social, no seu modelo tradicional e convencional, atravessa momentos particularmente difíceis enfrentando agora novos desafios na sua forma de aproximação e comunicação com os leitores, saúdo toda a equipa do Diário dos Açores, bem como todos aqueles que prestaram o seu indelével contributo ao longo de 154 anos de existência de um jornal em que me habituei a ler desde os tempos de estudante no antigo Seminário-Colégio Santo Cristo em Ponta Delgada e que continua a ser a minha companhia diária aqui por terras da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos da América.

Um jornal é efetivamente um veículo essencial de ligação entre as pessoas, as comunidades, uma região e um país, dando voz às suas necessidades e preocupações, para além de assumir papel importante no processo democrático de uma região ou país, na defesa dos direitos dos cidadãos. Constitui também uma ferramenta importante no reforço da memória coletiva registando os diversos ciclos marcantes da nossa história.

Este papel, pelo que tenho constatado, tem sido religiosamente cumprido ao longo dos anos pelo Diário dos Açores, na riqueza dos seus conteúdos evidenciados em editoriais do seu atual diretor, Osvaldo Cabral e dos excelentes artigos de conceituados colaboradores, alguns dos quais colaboram também no jornal que dirijo desde 2012, o Portuguese Times, em New Bedford, Massachusetts, EUA.

Nos últimos tempos, na diáspora e em particular nas comunidades açorianas residentes nos EUA, Canadá e Bermuda, em que existe claramente a sensibilidade e perceção para a importância de uma aproximação, cooperação e um mais vasto e profundo conhecimento da terra de origem junto dos residentes e vice-versa, sublinho que o Diário dos Açores - quando Osvaldo Cabral assumiu a direção do jornal - tem assumido protagonismo nessa parceria com o Portuguese

Times e outros jornais da diáspora açoriana da América do Norte. Devo até sublinhar que o Diário dos Açores é o único jornal diário da Região Açores que dá voz às vivências e experiências da diáspora açoriana na América do Norte. Esta relação "familiar" entre DA/PT perdura há mais de uma década e faz todo o sentido que assim seja: é que não há família nos Açores que não tenha um familiar ou amigo pelos EUA ou Canadá. Só por isso, e por outros motivos óbvios, vale a pena continuar com esta cooperação, que continua sólida produzindo resultados. Aponto aqui alguns exemplos: algumas peças produzidas no PT e que são posteriormente transcritas no Diário dos Açores têm impacto junto dos próprios interessados (neste caso entrevistados) os quais manifestam satisfação nesta projeção transatlântica.

Finalmente, aprez-me ainda registar que são muito poucos os jornais que celebram mais de um século e meio de existência. O Diário dos Açores, fundado em 1870 por Manuel Augusto Tavares de Resende, na ilha de São Miguel, agora a celebrar 154 anos, foi sobrevivendo ao longo destes anos graças à dinâmica, esforço, dedicação e paixão das suas várias equipas de funcionários e colaboradores, que o transformaram num verdadeiro jornal de referência dos Açores e da diáspora açoriana, na sua missão de informar, com todo o rigor e independência.

Continuem com essa nobre tarefa de servir os leitores e os açorianos do território e da diáspora, nesta relação transatlântica, levando e elevando bem alto os Açores aos quatro cantos do mundo.

Bem hajam! "Happy Birthday" D.A.

\*Diretor do Portuguese Times, New Bedford, Massachusetts, EUA



José Soares\*

## Um património dourado

O primeiro aniversário jornalístico do qual participei, foi nos Açores.

No ano de 1970, o jornal micaelense CORREIO DOS AÇORES celebrava os seus 50 anos de existência. Eu havia começado a colaborar em março do mesmo ano quando o saudoso mestre Manuel Ferreira me solicitou algo para o primeiro de maio, edição especial de aniversário.

Manuel Ferreira, em combinação com o meu ex-professor Dias de Melo, haviam-se reunido na velha redação com o Dr. Armando Côrtes-Rodrigues, o Dr. João H. Anglin, Dr. José de Almeida Pavão Jr. e mais um ou dois que a memória apagou. A ideia (que tinha partido do Dias de Melo) era convidar dois ou três jovens a escrever algo para aquela edição especial do CORREIO DOS AÇORES. Depois de escolhidos, foram contactados mas eventualmente declinaram o convite, apresentando vários motivos de escusa.

Dias de Melo manifestou a Manuel Ferreira a sua deceção. E este, limitou-se a responder: "Pelo menos, tentámos. Se nenhum quis, não é nossa culpa."

Foi então que Dias de Melo volta à carga, perguntando: "E aquele miúdo que escreveu em março aquele artigo sobre a Helga?"

– "Se ele quiser, vamos a isso", retorquiu Manuel Ferreira.

Fiquei radiante quando fui contactado. Mais tarde, foi o Mestre Manuel Ferreira que me contou a história em que eu havia sido repescado.

Afinal, já ultrapassei os cinquenta anos de jornalismo - 54 para ser mais preciso - e os caracteres cada vez mais me correm nas veias. Porque é preciso amar o que se faz. E fazer jornalismo, será das paixões profissionais mais ditosas, mais reconfortantes. Das únicas atividades em que se esquece as benesses económicas em prol de um dever a cumprir. Interminavelmente!

Este DIÁRIO DOS AÇORES que hoje completa 154 anos, é mais uma prova da pujança jornalística que sempre existiu nos Açores. E o meu vício de ler pela manhã, desenvolveu uma irmandade secreta entre mim e o meu informador matinal, que me conta como está o mundo e o dia.

Quando um jornal chega a esta proveta idade de mais de um século e meio, o nosso respeito é obrigado a dobrar-se diante tamanha honorabilidade. Afinal, somos de uma imensa riqueza cultural - com grandes escritores e poetas - mas com vários jornais seculares ainda em circulação no meio de nós.

A sociedade em geral deve estar grata (e está) a estas mulheres e homens que ao longo de 154 anos foram os escribas sociais, que deixaram registados para a História, seja em papel ou nas redes sociais, os contextos do Tempo e a respiração social quotidiana.

Nenhum compêndio de História pode ser escrito, sem que o investigador consulte os anais jornalísticos nas estantes bibliotecárias. Os jornais antigos transportam-no ao passado, indo até aos confins de uma determinada época que, mesmo amarelada pelo tempo, mantém as letras negras e desafiadoras, que lhe oferecem os segredos que desafiaram o Tempo.

E 154 anos, tem certamente muita História para contar. Este DIÁRIO DOS AÇORES, tem tido também a sorte de ser guiado por muitos nomes que o amaram e fizeram dele o seu ideário de vida. Osvaldo Cabral é a sua referência dirijível. Mas a empresa abraçada pelo Américo Natalino Viveiros, tem sido a arca de Noé, atravessando tempestades, na expectativa de que a bonança retorne.

Nos tempos que correm e com as enormes dificuldades de sobrevivência física, os jornais de papel estão a transformar-se em digital. Continuam as letras, frias e apáticas, a contar-nos a História. Mas sem o cheiro a tinta, o toque do papel nos dedos e o calor de o ter, dobrado, debaixo do braço, não será a mesma coisa.

A rosa está lá, mas terá perdido o seu perfume. E uma rosa sem perfume, digitalizada e fria, é como uma múmia. Tudo está no perfume, no cheiro e no toque. Na Vida.

Parabéns e que venham mais 150 anos. Prevejo um robot munido de Inteligência Artificial a escrever o número comemorativo dos 300 anos. A rosa estará lá... mas sem perfume!